

**EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA:  
UMA PERSPECTIVA PARA A EDUCAÇÃO DO SÉCULO XXI**

**DISTANCE EDUCATION:  
A PERSPECTIVE FOR THE XXI CENTURY EDUCATION**

**RITA CRISTIANE RAMACCIOTTI GUSMÃO SOARES**

Doutora em Educação pela Universidad Del Mar, Chile (2013), Mestre em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social pela Fundação Visconde de Cairu (FVC), em 2009. Coordenadora Geral dos Cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Tecnologia e Ciência (FTC/SSA). Endereço eletrônico: cristianegusmao@gmail.com.

**RESUMO**

A educação exerce um papel fundamental nas relações humanas e é dentro deste contexto social que o indivíduo desenvolve-se de maneira pessoal, social e profissionalmente e a educação a distância (EAD) tem contribuído para esta formação. O objetivo geral deste estudo foi conhecer a educação a distância como perspectiva para a educação do século XXI. Os objetivos específicos procuraram compreender a história, o contexto e as perspectivas da educação, conhecer as demandas da Unesco para a educação do século XXI e as perspectivas para a educação superior, identificar o contexto, os conceitos e os desafios da educação a distância (EAD). Quanto a metodologia, o estudo caracteriza-se como pesquisa bibliográfica. Encontrou-se que o conceito de educação, ao longo do tempo, passou por transformações e nesse percurso as sociedades procuraram elaborar ações inovadoras de transformação do sistema educacional. A educação proposta pela Unesco para o século XXI ampara-se em quatro pilares — aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver junto e aprender a ser — que têm fundamentado, inclusive, os encaminhamentos da educação a distância, e têm propiciado aos educadores a reflexão e idealização de um tipo de educação capaz de preparar as pessoas para o futuro. A EAD tem se apresentado como uma modalidade de educação, e não de ensino, que ressalta o caráter de aprendizagem de quem é informado em detrimento do ensino de quem comunica, e redesenha uma nova concepção de universidade, em que o foco não é o mercado, mas os cidadãos. Concluiu-se que a educação a distância coloca-se como uma alternativa para o anseio por um processo educativo mais flexível, democrático e aberto, no qual os

principais atores, alunos e professores, situem-se como sujeitos da ação educativa, e pode constituir-se em uma forma concreta de inclusão social.

**PALAVRAS CHAVE:** Educação. Educação superior. Educação a distância.

### **ABSTRACT**

Education plays a fundamental role in human relations and is within this social context that the individual develops a personal way, socially and professionally and distance learning (ODL) has contributed to this training. The aim of this study was to distance education as a perspective for the education of the XXI century. The specific objectives sought to understand the history, context and perspectives of education, meeting the demands of UNESCO for the education of the XXI century and the prospects for higher education, identify the context, the concepts and challenges of distance learning (ODL ). As for methodology, the study is characterized as literature. It was found that the concept of education, over time, has changed and been on this path societies sought to design innovative actions of transformation of the educational system. The education proposed by UNESCO for the twenty-first century bolsters on four pillars - learning to know, learning to do, learning to live together and learning to be - they have reasoned even about education referrals distance, and have led to educators reflection and design a kind of education which will prepare people for the future. The EAD has emerged as a form of education, not education, which emphasizes the learning of character who is informed at the expense of education who communicates, and redraws a new conception of university, where the focus is not the market but citizens. It was concluded that distance education arises as an alternative to the longing for a more flexible, democratic and open educational process, in which the main actors, students and teachers, are situated themselves as subjects of educational action, and may be themselves in a concrete form of social inclusion.

**KEYWORDS:** Education. Higher education. Distance education.

## **1. INTRODUÇÃO**

A educação exerce um papel fundamental nas relações humanas e é dentro deste contexto social que o indivíduo desenvolve-se de maneira pessoal, social e profissionalmente e a educação a distância tem contribuído para esta formação.

Desde os primórdios do Brasil o discurso sobre a educação é sempre o mesmo: a educação de qualidade de um país proporciona o desenvolvimento social

e político, promove o crescimento econômico e é uma das principais ferramentas para diminuir a desigualdade, reduzir a criminalidade e promover a paz.

Nas últimas décadas do século XX, especificamente a partir dos anos 80, o mundo assistiu a grandes transformações tecnológicas nas diversas áreas do conhecimento, sejam elas de natureza socioeconômica, cultural, informacional ou científica. Esse progresso, evidentemente, aplica-se também ao campo educacional.

O conceito de educação tem apresentado variações ao longo do tempo. Na visão de Freire (1989), por exemplo, a educação é um ato coletivo, solidário e em troca de experiências que permitem a cada envolvido discutir suas ideias e concepções. A dialogicidade constitui-se no princípio fundamental da relação entre educador e educando. O que importa é que os professores e os alunos se assumam epistemologicamente curiosos.

A Educação a Distância (EAD) vem se consagrando no Brasil como uma estratégia para democratizar e elevar o padrão de qualidade da educação brasileira. Tem sido avaliada como capaz de possibilitar a inclusão social e digital para aqueles que vivenciam realidades antagônicas às existentes nas grandes metrópoles brasileiras, permitindo aos milhões de cidadãos o direito ao exercício da cidadania por meio de desempenho profissional digno.

A modalidade EAD tornou-se extremamente importante na ampliação do acesso ao ensino superior e pode constituir-se em uma forma concreta de inclusão social, ao possibilitar ao aluno o ingresso no campo de trabalho, além de permitir o acesso aos cargos públicos de nível superior, melhorando sua autoestima e concedendo-lhe melhores oportunidades de emprego.

Com isso, a EAD vem possibilitando um novo cenário para a educação no Brasil, uma vez que, como a conexão da internet faz-se imprescindível, implica também na inserção dos estudantes nessa nova vertente do conhecimento.

Dessa forma, acredita-se que a implantação da modalidade de EAD apresentará impactos altamente positivos na educação, melhorando o nível de escolaridade de muitos e possibilitando o atendimento de demandas até hoje não resolvidas pela educação presencial, na formação do ensino superior.

Este artigo tem como objetivo geral conhecer a educação a distância como perspectiva para a educação do século XXI. Foram enunciados como objetivos específicos: compreender a história, o contexto e as perspectivas da educação,

conhecer as demandas da Unesco para a educação do século XXI e as perspectivas para a educação superior, identificar o contexto, os conceitos e os desafios da educação a distância (EAD).

Quanto à metodologia, optamos pela pesquisa qualitativa. Foi utilizada como instrumentos de coleta de dados a pesquisa bibliográfica e documental amparados por Leis e estatísticas, livros, artigos e dissertações sobre EAD e Inclusão Social.

A exposição inicia-se com a contextualização da educação. Nesta explanação, apresenta-se uma breve história da Educação, as demandas da Unesco para século XXI, as perspectivas para a educação superior. Na abordagem da Educação a Distância (EAD), procura-se enfatizar o contexto em que se realiza e os conceitos que a envolvem.

## **2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO**

Na etimologia do léxico “educação” não existe um consenso entre os filólogos. Alguns autores, como Ferreira (1993) e Schutz (2009), sustentam que a palavra deriva do verbo *educare*, que significa “criar”, “alimentar”. Nas raízes romanas *educatio* significa “[...] a continuidade do modelo social e comunitário” (D’AMBROSIO, 1998).

Os vários conceitos, entretanto, expressam distintos entendimentos de educação. Assim, antes do nascimento das escolas, educar era transmitir aos mais jovens a concepção de mundo dos mais experientes, para instruí-los a não cometerem os mesmos erros do passado. A educação, nessa concepção, nasce da vivência de uma prática social e por legados da história. No entendimento de Freire (2004, p. 77), o ensino brasileiro apresenta uma característica própria, pois “[...] a relação entre educador e educando de uma maneira geral apresenta o caráter de narração, dissertação.”

De acordo com Gadotti (2001), a educação escolar, desde os Jesuítas, passando por Rousseau, Herbart, Dewey, Snyders, Paulo Freire, Saviani, percorreu um longo caminho, tanto do ponto de vista teórico, quanto prático. Esta educação organizou o conteúdo e sistematizou uma forma de ensinar o saber erudito produzido pela humanidade. Na avaliação desse autor, nas sociedades antiga e medieval, a escola, como instituição pública de responsabilidade do Estado, praticamente inexistiu. Estas sociedades eram fundamentalmente constituídas por

nobres ou senhores de um lado e escravos ou servos do outro. As classes sociais eram bem estratificadas e a educação sistemática era privilégio de alguns.

Dessa forma, a escola cumpria bem a função de instituição social, desenvolvendo e reproduzindo concepções de mundo adequadas à manutenção daquela realidade. O pouco de educação escolar que existia, aliado ao incipiente desenvolvimento científico e tecnológico do momento, dificultava a comunicação, veiculação e expansão das novas ideias e concepções produzidas.

Durante o Renascimento ocorreu uma mudança fundamental na história da existência humana: o advento do capitalismo. Assim que a nova classe social, a burguesia, entrou em cena, a individualidade, a igualdade e a liberdade do homem, condições para o desenvolvimento do capital, passaram a ser bandeiras de luta das relações sociais emergentes (TILLY; ARDANTE, 1975).

Isso porque a burguesia necessitava desenvolver um novo homem, que pudesse contribuir para transformar, através do trabalho, as antigas relações sociais predominantes. A escola deveria ser, agora, um direito de todos, uma vez que o triunfo do capitalismo pressupunha também o desenvolvimento de certo nível intelectual de compreensão do mundo, propiciando a formação de técnicos, profissionais qualificados e o desenvolvimento da pesquisa científica (SOARES, 1994).

O desenvolvimento das tecnologias de comunicação significaram avanços representativos quanto à escala e velocidade de difusão do conhecimento. Com a invenção do telefone, do cinema, do rádio e da televisão, a humanidade atingiu um novo patamar no processo de massificação da comunicação. Informações chegaram numa velocidade antes impensável e para um número cada vez maior de pessoas que recebiam, além delas, estímulos ao consumo. Com a propagação do computador no cotidiano contemporâneo, não somente o mundo do trabalho, mas também o lazer e a ciência sentiram a influência das tecnologias da comunicação e informação na vida das pessoas (DEBREY, 2003).

A partir de 1974, época em que tem início a abertura gradual do regime político autoritário instalado no Brasil em 1964, surgiram estudos, a exemplo dos desenvolvidos por Savani (1983), empenhados em fazer uma crítica da educação dominante, evidenciando as funções reais da política educacional, acobertada pelo discurso político pedagógico oficial. Nesse período, predominaram os aspectos

políticos, enquanto as questões didático-pedagógicas foram minimizadas.

Na década de 1980, esboçaram-se os primeiros estudos em busca de alternativas para melhor educar, com base nos pressupostos da Pedagogia Crítica. No bojo desta Pedagogia Crítica “[...] a educação se identifica com o processo de hominização. A educação é o que se pode fazer do homem de amanhã” (GADOTTI, 1983, p. 149).

É uma educação que deve se comprometer com os interesses do ser humano das camadas economicamente desfavorecidas, mas que se envolve também com a preservação dos recursos naturais, com a educação da sexualidade, com relações interpessoais de qualidade (FREIRE; GUIMARÃES 1984).

Dessa forma, é notório que a escola organiza-se como espaço de negação de dominação e não como mero instrumento para reproduzir a estrutura social vigente (VEIGA, 1989). Nesse sentido, agir no interior da escola é contribuir para transformar a própria sociedade. Houssaye (1995) aponta como caminho de superação, o empenho das pessoas em construir os saberes com base nas necessidades pedagógicas postas pelo real, para além dos esquemas apriorísticos das ciências da educação.

Esse balanço viabilizará a problematização da realidade, a experimentação metodológica, o enfrentamento de situações complexas, as tentativas inovadoras com vistas a configurar uma nova forma de educar.

O Brasil, ainda hoje, vive uma cultura de ensino tradicional, que tem se baseado em duas operações fundamentais: repetir e reproduzir. Ensinar sempre foi repetir a velha doutrina conservadora e, junto com ela, reproduzir os mitos e preconceitos. Entendemos que essa atitude marcante, autoritária e anticientífica não encontra mais espaço no atual estágio de evolução do conhecimento, em que novas alternativas de adquirir saberes fazem-se necessárias.

As inúmeras transformações que estão diariamente ocorrendo nos setores de atuação humana, marcadas pela evolução tecnológica e científica, exigem mudanças radicais nas estruturas organizacionais, empresas, escolas e governos, em busca de soluções criativas para velhos e novos problemas que surgem a todo momento. Esta evolução permite inovações de pontos de vista para se acompanhar e entender melhor o mundo, a si próprio, as pessoas e suas relações com este sistema. Esse entendimento, para alguns, só é possível com o desenvolvimento do

autoconhecimento. Para Soares (2007), o autoconhecimento tem sido visto como primordial para a tomada de consciência da relação do ser humano com a vida, com a existência. Como diz a autora:

Considero que a compreensão do saber e do conhecimento associados à autovisão e à autoconsciência da Consciência do Ser se processa através da vivência do autoconhecimento. Este autoconhecimento permite o ser humano verificar que os processos de construção e de aquisição do conteúdo das diversas ciências não estão dissociados dos diferentes níveis da sua consciência. Esta perspectiva evidencia que a comunicação transdisciplinar entre os saberes das diferentes disciplinas também passa pelo processo da tomada de consciência de que a produção e a aquisição de todo conhecimento é proveniente da relação do ser humano com o acontecimento da vida em sua existência. É a relação com o acontecimento das suas experiências existenciais e com o autoconhecimento do seu ser que lhe possibilita criar os conhecimentos das diversas ciências e dos diversos saberes. (SOARES, 2007, p. 99).

Faz-se necessário romper com a trajetória histórica da educação de jovens e adultos marcada pelo conservadorismo, tradicionalismo e pela fragilidade, sustentada por poucos recursos financeiros e desprovidos de inovações. Impõe-se a assunção de novas posturas, ideias e urgência nas ações para alcançar um nível de desenvolvimento humano compatível com nossas dimensões e riquezas e atingir, assim, as metas impostas para o milênio. Para Krishnamurti (2000, p. 12): “A Educação não é uma simples questão de exercitar a mente. O exercício leva a eficiência, mas não produz a integração. A mente que foi apenas exercitada é o prolongamento do passado, nunca pode descobrir o que é novo.” Só deste modo será possível a problematização da realidade, a experimentação metodológica, o enfrentamento de situações complexas, as tentativas inovadoras com vistas a configurar uma nova forma de educar.

É neste contexto que Moraes (1997) vislumbra as práticas de educação a distância, e assume que esse é o momento propício para ir em busca de novos caminhos que ajudem a planejar o modo de educar em seu sentido mais amplo e elaborar ações inovadoras de transformação do sistema educacional em um processo mais flexível, democrático e aberto, no qual os principais atores, alunos e professores, se situem como sujeitos da ação educativa em uma nova perspectiva do paradigma educacional emergente.

Pela complexidade e capacidade de vencer desafios, por meio da EAD é possível concretizar uma prática da educação amparada em quatro pilares, sugerida pela UNESCO (DELORS, 2006).

### **3. DEMANDAS DA UNESCO PARA A EDUCAÇÃO DO SÉCULO XXI**

A passagem do milênio caracteriza-se pela intensidade e importância das transformações vividas. Nas últimas duas décadas do século XX, especificamente a partir dos anos 80, o mundo vem assistindo a grandes mudanças tecnológicas em diversas áreas, tanto no campo socioeconômico e político como no campo cultural. Estas mudanças têm se caracterizado principalmente pela transição de uma era industrial para uma baseada no conhecimento, aumentando, assim, o grau de indefinições e incertezas (NORA; HÖSLE, 1998).

O conhecimento, hoje, é visto como meio que possibilita ao indivíduo ascender no mundo globalizado e capitalista. Esta visão tem exigido a de cada pessoa que se disponha a perceber o que está acontecendo de mais atual nas diversas áreas do conhecimento, que seja um eterno aprendiz e tenha a noção de que está sempre desatualizado. Como diz Delors (2006, p. 11):

[...] face aos múltiplos desafios do futuro, a educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na construção dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social. Para o pensador, só a educação conduzirá "a um desenvolvimento humano mais harmonioso, mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as opressões, as guerras [...]".

Viana e Freitas (2002), entre outros autores, identificam, nesse momento, o delineamento de uma nova era: a era do conhecimento. Esta se desenvolve no contexto de uma revolução tecnológica que possibilita movimentos de circulação de informações com velocidade e intensidade jamais pensadas na história. Nessa era, espera-se dos profissionais a formação constante, para que possam ser incluídos intelectualmente e, em consequência, no mercado de trabalho.

A Unesco, com base nesse novo cenário, mediada por sua Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, presidida por Jacques Delors, indica os quatro pilares para uma maneira de educar diferente com enfoque em aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver junto e aprender a ser.

Delors (2006), na obra *Educação: um tesouro a descobrir*, expõe o Relatório da Unesco, segundo o qual aprender a conhecer é um dos pilares que busca desenvolver no estudante o prazer de compreender, de conhecer e de descobrir. Aprender para conhecer, em outras palavras, quer dizer, aprender para aprender, praticando a atenção, a compreensão, a educação, a memória e o pensamento. Uma das tarefas mais importantes no processo educativo da atualidade é mediar saberes para chegar ao conhecimento, para que os indivíduos possam se desenvolver preparados para enfrentar o mundo que em que vivem.

Aprender a fazer é totalmente indissociável do aprender a conhecer e refere-se essencialmente à formação profissional-técnica do discente. Krishnamurti (2000) entende que aprender a fazer, para o aluno, é colocar em prática, em seu dia a dia, os conhecimentos teóricos e/ou técnicos adquiridos em sala de aula, que irão capacitá-lo a se apropriar de uma “eficiência exterior”. Esse pilar propõe aos alunos análises críticas, iniciativas, reflexões, tomadas de decisões sábias e formulação de novas opiniões, muitas vezes contraditórias. Para Toffler (1970), o saber aprender, o saber desaprender e o saber reaprender é o que distinguirá o analfabeto do alfabetizado no século XXI.

Aprender a viver junto, considerado pelos educadores como um dos maiores desafios, atua na esfera das atitudes e valores. Esse pilar consiste na formação de novos conceitos, no combate aos velhos preconceitos, na reflexão do mundo atual, nas rivalidades milenares. Coloca a educação como mediadora da paz, da compreensão e da tolerância (DELORS, 2006).

Aprender a ser é uma aprendizagem que está ligada diretamente aos outros três pilares e pressupõe que a Educação deve ter como finalidade o desenvolvimento total do indivíduo. Busca a prática da cidadania como produto determinado na construção intelectual dinâmica; faz surgir cidadãos voltados para a autonomia, intelectualmente ativos e independentes, capazes de estabelecer relações interpessoais, e de participar de uma democracia dialógica (DELORS, 2006).

Os quatro pilares da educação, visualizados e disseminados pelo Relatório da Unesco, têm propiciado aos educadores, a exemplo de Edgar Morin (2000), a reflexão e idealização de um tipo de educação capaz de preparar as pessoas para o futuro.

#### **4. PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR**

Diante do exposto, entendemos que a mudança nos paradigmas educacionais ora em vigor, em especial a educação superior, exige a ocorrência de reformas e mudanças não apenas nas universidades como também transformações nas ações humanas. Consoante Barreto (2005), na atualidade, essas ações estão sendo caracterizadas, muitas vezes, por um egocentrismo desumanizador, que não reflete sobre as consequências dessas ações para a própria espécie humana, para o meio ambiente e, conseqüentemente, para a humanidade.

Para se redesenhar uma nova concepção de universidade, em que o foco não seja o mercado, mas os cidadãos, é indispensável trazer a ecologia de saberes para dentro das universidades. Isto possibilitará a reinstrumentalização das ações universitária, ou seja, apreender novas maneiras de construção de saberes, menos pautadas pelas medidas padronizadas pela racionalidade cognitivo-instrumental. Não podemos ignorar, entretanto, que projetar um modo de construir conhecimento dentro de um modelo estruturalmente preparado e tradicionalmente aceito para as convenções de medida atuais, não é tarefa simples.

A primeira Lei de Diretrizes e Bases Nº 4.024/61 (BRASIL, 2009a), ao estabelecer as diretrizes e bases da educação nacional e dedicar, dos 120 artigos que a constituíam, somente 20 ao ensino superior, não conseguiu trazer para esse nível de ensino as aberturas ou inovações que alcançaram os níveis primário e secundário. É inegável que a Lei de Diretrizes e Bases para o ensino superior veio se transformando até a atualidade e hoje, regida pelo artigo 43 da Lei nº 9.394/96 (BRASIL, 2009b), oferece uma nova perspectiva em suas diretrizes. Em seu art. 80, essa lei incentiva o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada, em instituições credenciadas.

#### **5. EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Educação a distância EaD, é a modalidade de ensino que possibilita ao informado que não esteja fisicamente presente em uma sala de aula. Leva em consideração também a separação temporal ou espacial entre o professor e o aprendiz.

A educação a distância, vem se consagrando no Brasil. A EAD é representada no MEC pela Secretaria de Educação a Distância (SEED), que explica a visão governamental de investir em EAD e nas novas Tecnologias da Informação e Comunicação como uma estratégia para democratizar e elevar o padrão de qualidade da educação brasileira. Martins e Polak (2000, p. 137) dizem que “A EaD deve ser compreendida como possibilidade de inserção social, ampliação do conhecimento individual e coletivo, e como tal pode facilitar na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.”

É nesta direção que a Universidade, como instituição, vê a possibilidade de formar cidadãos conscientes de seu papel sociopolítico, ainda que vivam em regiões cuja oportunidade de ensino de qualidade seja negligenciada ou que a vida contemporânea reduza a oportunidade de investir nos estudos.

A conexão entre as duas partes, professor e aluno, se dá por tecnologias, principalmente as telemáticas, como internet e hipermídia, mas também podem ser utilizados os correios, os sistemas de rádio, de televisão, além de vídeo e CD-ROM, telefone, fax, celular, *notebook*, entre outras semelhantes.

Aquele que educa a distancia tem o compromisso ético de desenvolver um projeto humanizador, capaz de livrar o ensino da massificação, mesmo que dirigido a grandes contingentes, ou seja, focalizando a ação educativa no processo de aprendizagem.

Enfatizamos a necessidade de a EAD constituir-se como educação e não como ensino, ressaltando o caráter de aprendizagem de quem é informado em detrimento do ensino de quem comunica. Para isso, os ambientes de aprendizagem que potencializam o meio digital proporcionam ao estudante utilizar a abordagem que melhor lhe prouber na estruturação de seus estudos.

Entretanto, temos visto que as práticas pedagógicas pouco foram alteradas com o desenvolvimento tecnológico, vigorando ainda a concepção tradicional da educação pautada no mestre expositor, detentor de um saber inquestionável, e nos alunos como receptáculos passivos de tal saber.

Sabemos que a inclusão das novas tecnologias à educação deveria ser considerada como parte de uma estratégia global de política educativa. Contudo, a despeito da existência desses recursos tecnológicos nas instituições educacionais

do país, segundo Ribeiro et al. (2007, p. 10), essas tecnologias têm sido pouco exploradas pedagogicamente,

[...] tanto pela ausência ou inconsistência de processos permanentes de capacitação, quanto pela resistência à inovação por parte de muitos professores que, ao temerem o “novo”, preferem manter as tradicionais formas de ensino centradas na transmissão de conteúdos.

Cabe destacar que os desafios da EAD estão em criar propostas que fomentem a solidariedade e a participação e não o isolamento do aluno.

## 6. CONTEXTO DA EAD

O entendimento acerca do ensino/aprendizado está intrinsecamente ligado à existência da uma sala de aula, com a presença do aluno/professor. Compreender e assimilar a ideia de um novo agenciador, as tecnologias da informação e comunicação, como suporte didático é um desafio, como explica Azevêdo (2006, p. 1, grifos do autor):

[...] de um lado está o *status* e o apelo da novidade: hoje tudo o que envolve *Internet* chama a atenção. A maioria das propagandas em diversas vias de propagação usam o endereço de seu *site* ou *e-mail* como forma de contato, às vezes substituindo por completo o endereço físico e o número de telefone. De outro lado, há a percepção clara de que estamos diante de uma tecnologia que permite coisas impensáveis em outras modalidades que utilizam outras tecnologias como, por exemplo, a formação de *comunidades virtuais de aprendizagem colaborativa*, isto é, comunidades compostas por pessoas que estão em diversas partes do mundo e que interagem sem que necessariamente estejam juntas ou conectadas na mesma hora e no mesmo lugar. Uma mensagem pode ser enviada num determinado horário para um grupo de 30 ou 40 pessoas que a lerão cada uma num horário diferente e a ela reagirão também cada uma no seu tempo, sustentando um debate por dias seguidos. Via *Internet* pode-se experimentar aprender junto com outros, interagindo com muitos, independente do tempo e do lugar de cada um.

A sociedade contemporânea ainda vivencia ideologias moldadas pelas referências culturais e simbólicas emanadas da era industrial e de uma realidade analógica, nas quais baseou sua vida, sua aprendizagem, seu trabalho, suas interações sociais e suas histórias de vida. As novas gerações, formadas por outros paradigmas, perceberão que as competências profissionais estão mais exigentes, competitivas e excludentes para os pouco escolarizados.

## 7. CONCEITUAÇÕES DE EAD

Há uma clara divisão na abordagem conceitual de alguns autores sobre a definição de Educação a Distância. Um primeiro grupo, cujas formulações foram desenvolvidas entre 1972-1987, trata de conceituar a EAD fazendo um contraponto com a educação presencial. Seus conceitos estão preocupados em pontuar a separação entre docentes e discentes e a importância da autonomia no tocante ao individualismo da aprendizagem. Belloni (2001) apresenta-nos uma síntese:

- Ensino a Distância é o ensino que não implica a presença física do professor indicado para ministrá-lo no lugar onde é recebido, ou no qual o professor está presente apenas em certas ocasiões ou para determinadas tarefas (Lei francesa, 1971);
- Uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados apresentados em diferentes suportes, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação. (Decreto 2494/98 que regulamenta o art. 80 da LDB nº 9394/96).
- [...] àquelas formas de aprendizagem organizada, na Educação a Distância na separação física entre os aprendentes e os que estão envolvidos na organização de sua aprendizagem. Esta separação pode aplicar-se a todo o processo de aprendizagem ou apenas a certos estágios ou elementos deste processo. Podem estar envolvidos estudos presenciais e privados, mas sua função será suplementar ou reforçar a interação predominantemente a distância.
- Educação a Distância é uma relação de diálogo, estrutura e autonomia que requer meios técnicos para mediatizar esta comunicação. Educação a Distância é um subconjunto de todos os programas educacionais caracterizado por: grande estrutura, baixo diálogo e grande distância transacional. Ela inclui também aprendizagem.
- Educação a Distância é um método de transmitir conhecimento, competências e atitudes que é racionalizado pela aplicação de princípios organizacionais e de divisão de trabalho, bem como pelo uso intensivo de meios técnicos, especialmente com o objetivo de reproduzir material de ensino de alta qualidade, o que torna possível instruir um maior número de estudantes, ao mesmo tempo, onde quer que eles vivam. É uma forma industrializada de ensino aprendizagem.

Com base na análise dos diversos conceitos de EAD apresentados, foi possível identificar pontos comuns e distorções e/ou diferenças. Podemos destacar como pontos comuns: o uso intensivo de tecnologias para mediatizar o processo de ensino, a separação física entre aprendentes e formadores e o desenvolvimento da autonomia dos estudantes.

No Brasil, o Ministério da Educação (MEC), órgão oficial da educação, no Decreto 2.494, de 1998, art. 1º, descreve EAD como:

[...] forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação. (BRASIL, 1998b, p. 1).

A EAD é, atualmente, regulamentada pelo Decreto 5.622/20052 (BRASIL, 2009c, p. 1), art. 1º, que a caracteriza como:

[...] modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

O Decreto 5.622/2005 (BRASIL, 2009c) regulamenta a EAD como um processo de educação mediada, em que os atores da educação, professor/tutores e estudantes mantêm contato, muitas vezes de forma presencial. A ênfase dada neste documento ao olhar pedagógico em EAD representa um avanço devido ao estabelecimento de critérios adequados de análise e avaliação das diversas práticas desta modalidade educacional.

## **8. CONCLUSÃO**

A educação exerce um papel fundamental nas relações humanas e é dentro deste contexto social que o indivíduo desenvolve-se de maneira pessoal, social e profissionalmente e a educação a distância tem contribuído para esta formação.

O objetivo geral deste estudo foi conhecer a educação a distância como perspectiva para a educação do século XXI. Os objetivos específicos procuraram compreender a história, o contexto e as perspectivas da educação, conhecer as demandas da Unesco para a educação do século XXI e as perspectivas para a educação superior, identificar o contexto, os conceitos e os desafios da educação a distância (EAD).

A revisão de literatura realizada permitiu-nos encontrar que o conceito de educação, ao longo do tempo, passou por transformações e nesse percurso as sociedades procuraram elaborar ações inovadoras de transformação do sistema educacional. A busca por uma educação de qualidade tem levado a diversas propostas, fruto da reflexão de educadores e pessoas comprometidos com uma

educação que efetivamente alcance seus propósitos. Esta preocupação conduziu as discussões desenvolvidas pela Unesco, que, através do relatório elaborado sob a coordenação de Jaques Delors, propõe que a educação para o século XXI ampare-se em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver junto e aprender a ser. Deste modo, a educação deve preocupar-se em desenvolver essas quatro aprendizagens fundamentais, que serão, para cada indivíduo, os pilares do conhecimento. Essa visão de educação tem fundamentado, inclusive, os encaminhamentos da educação a distância, e tem propiciado aos educadores a reflexão e idealização de um tipo de educação capaz de preparar as pessoas para o futuro.

A EAD tem se apresentado como uma modalidade de educação, e não de ensino, que ressalta o caráter de aprendizagem de quem é informado em detrimento do ensino de quem comunica, e redesenha uma nova concepção de universidade, em que o foco não é o mercado, mas os cidadãos.

A EAD como modalidade de educação evoluiu e cresceu em situações de grandes mudanças que caracterizaram a sociedade contemporânea, como, por exemplo, o progresso em ritmo acelerado da tecnologia da informação, que alavancou o desenvolvimento de habilidades baseadas no uso dos computadores. Busca-se uma sociedade global do conhecimento que esteja a serviço de todos os cidadãos, que respeite o meio ambiente, que seja criativa, justa, permanentemente democrática e sempre plural.

Conclui-se que a educação a distância coloca-se como uma alternativa para o anseio por um processo educativo mais flexível, democrático e aberto, no qual os principais atores, alunos e professores, situem-se como sujeitos da ação educativa, e pode constituir-se em uma forma concreta de inclusão social.

Tendo em vista a amplitude e complexidade da temática estudada, sugerimos a permanente continuidade dos estudos que visem ao aprofundamento do conhecimento sobre os processos que envolvem a educação, para que, desta forma, consigamos dar o salto qualitativo da civilização, e possamos rumar em direção ao bem-estar pessoal e coletivo das novas gerações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Walter. **Panorama atual da educação a distância no Brasil**. Aquifolium. Disponível em: <<http://www.aquifolium.com.br/educacional/artigos/panoread.html>>. Acesso em: 22 jan. 2006.

BARRETO, Margarida M. S. Assédio moral: ato deliberado de humilhação ou uma "política da empresa" para livrar-se de trabalhadores indesejados. **Revista Ser Médico**, ed. 20, jul./ago./set. 2002. Disponível em: <[http://ser1.cremesp.org.br/revistasermedico/nova\\_revista/corpo.php?Materiald=40](http://ser1.cremesp.org.br/revistasermedico/nova_revista/corpo.php?Materiald=40)>. Acesso em: 2 nov. 2005.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 4.024/61, de dezembro de 1961. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Dispõe sobre as diretrizes e bases do currículo do ensino primário e médio e dá outras providências. Brasília, 1961. (Disponível em <[www.dle.uem.br/.../3523\\_politicas\\_publicas\\_e\\_gestao\\_educacional](http://www.dle.uem.br/.../3523_politicas_publicas_e_gestao_educacional)> Acesso em: 7 out. 2009a.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394/96, de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)> Acesso: 7 out.2009b.

\_\_\_\_\_. Decreto n. 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei no. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm#art37](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm#art37)> Acesso em 7 out. 2009c.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Da realidade a ação**. Campinas, SP: Summus, 1998.

DEBREY, Carlos. **A lógica do capital na educação brasileira**. Goiânia: Alternativa, 2003.

DELORS, Jacques (Org.). **Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO**. 10. ed. Brasília: MEC; São Paulo: Cortez, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio**. Novo Aurélio Século XXI. O Dicionário da Língua Portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre educação** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. (Diálogos – v. 2).

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 39. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação**. São Paulo: Cortez, 1983.

\_\_\_\_\_. **História das Idéias Pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2001. (Série educação).

HOUSSAYE, Jean. Une illusion pédagogique? **Cahiers Pédagogiques**, Paris, v. 3, n. 34, p. 28-31, 1995.

KRISHNAMURTI, Jiddu. **Nossa luz interior**. São Paulo: Ágora, 2000

MARTINS, Onilza Bosges; POLAK, Ymiracy Nascimento Souza (Orgs.). Educação a Distância: Fundamentos e políticas de educação e seus reflexos na educação a distância. Curso de Formação em Educação a Distância - UNIREDE. Curitiba MEC/Seed, UFP, Brasil, 2000.

MORAES, Maria C. **O paradigma educacional emergente**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

MORIN, Edgar **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

NORA K; HÖSLE, Vittorio. **El café de los filosofos muertos**. Madrid: Anaya, 1998. p. 9.

RIBEIRO, Antonia et al. **Tecnologias na sala de aula: uma experiência em escolas públicas de ensino médio**. Brasília: UNESCO; MEC, 2007.

SCHUTZ, Ricardo. **Conhecer uma palavra desde sua origem é como conhecer uma pessoa desde pequena**. Atualizado em 11 de junho de 2007. Disponível em: <<http://www.sk.com.br/sk-hist.html>>. Acesso em: 12 jun. 2009.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994.

SOARES, Noemi Salgado. **Educação transdisciplinar e a arte de aprender: a pedagogia do autoconhecimento para o desenvolvimento humano**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2007.

TILLY, Charles; ARDANTE, Gabriel. **Formation of National States in Western Europe**. Princetom: Princeton University Press, 1975.

TOFFLER, Alvin. **Choque do futuro**. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1970.

VEIGA, Ilma P. A. (Coord.). **Repensando a didática**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1989.

VIANA, Maria José Braga; FREITAS, Maria Raquel Lino de. **Educação e Conhecimento: textos para aulas**. Belo Horizonte: UNA Editoria, 2002.